

**X Encontro Nacional de História Oral**

**Simpósio Temático**

**18 - MEMÓRIA E TRABALHO**

**A HISTÓRIA EM PAUTA: MEMÓRIAS E NARRATIVAS SOBRE O  
SINDICATO DOS ENGENHEIROS NO ESTADO DO MARANHÃO**

Sérgio Martins Pereira

(Prof. Adjunto do Departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade Federal  
do Maranhão – UFMA – [sempereira@oi.com.br](mailto:sempereira@oi.com.br))

2010

**A HISTÓRIA EM PAUTA: MEMÓRIAS E NARRATIVAS SOBRE O SINDICATO DOS ENGENHEIROS NO ESTADO DO MARANHÃO<sup>1</sup>**Sérgio Martins Pereira  
UFMA  
[sempereira@oi.com.br](mailto:sempereira@oi.com.br)**Introdução**

Este trabalho tem como objeto as narrativas construídas sobre a história do Sindicato dos Engenheiros no Estado do Maranhão (SENGE-MA), entidade fundada em 1983. Nos depoimentos das atuais lideranças do sindicato destaca-se a forma como um passado recente é apresentado. Fala-se recorrentemente da dissolução do sindicato e de sua posterior “refundação”, episódios que se dão em meados dos anos 1990, o que justificaria a divisão da história da entidade em “duas fases”. Mais do que uma distinção entre a gestão atual e as práticas políticas e administrativas anteriores, esses relatos marcam uma idéia de ruptura com o passado. Comum às disputas políticas observadas no sindicalismo, essas questões há muito têm atraído estudiosos do mundo do trabalho para a análise dos discursos concorrentes, das reinvenções sobre o passado e das disputas em torno da memória<sup>2</sup>. A partir dos depoimentos de lideranças que atuaram em diferentes momentos da trajetória do SENGE-MA, avaliaremos não só a concorrência entre padrões de ação sindical, mas observaremos também quais os elementos presentes na trajetória do sindicato que favoreceram ou limitaram um ou outro discurso, ou ainda, que problematizam a própria dicotomia que se estabeleceu.

**História e memória**

No trabalho de reconstrução da trajetória do Sindicato dos Engenheiros no Estado do Maranhão temos nos deparado não só com a produção de material institucional e as

---

<sup>1</sup> Este trabalho é parte do projeto de pesquisa “Representação político-sindical entre profissionais de nível superior: a trajetória do Sindicato dos Engenheiros no Estado do Maranhão (1983-2009)”, que conta com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

<sup>2</sup> Há uma considerável produção nesse campo que abrange desde os aspectos mais gerais implicados na “invenção das tradições” (HOBBSAWM e RANGER, 1984; GOMES, 2005) às disputas pela “construção”, “destruição” ou “reinvenção” das lutas sindicais e operárias (SANTANA, 1999 e 2001; PEREIRA, 2007).

narrativas das principais lideranças do sindicato, mas também com outras reconstruções da história do sindicato militantes que experimentaram a chamada “primeira fase” do SENGE-MA. Discursos, “oficiais” ou “dissonantes”, apreendidos em entrevistas e comunicações orais ou escritas sobre os diferentes momentos da trajetória do SENGE-MA, serão analisados sob as orientações dadas por autores ligados à História Oral, bem como aos estudos da Memória. Entendemos que as representações sobre o passado devem ser colocadas em relação com o seu contexto de produção, seja no presente ou no passado.

O domínio de aspectos técnicos da História Oral constitui uma dimensão indissociável de suas implicações teóricas e metodológicas. Tão importante quanto a atenção aos “usos” que podem ser feitos dos depoimentos é o controle das situações em que estes são produzidos. Para THOMPSON (1998), por exemplo, há toda uma variedade de elementos que compõem o contexto da entrevista e que de seu controle depende a qualidade e a utilidade do depoimento oral. No plano das narrativas concorrentes sobre a história do grupo estudado, devemos acrescentar a contribuição do conceito de Memória, seja ele ligado ao plano individual, coletivo ou institucional. Quando associada a pressupostos caros às Ciências Sociais, a categoria Memória, ou mesmo a “Tradição”, é entendida como construção social (HOBBSAWM e RANGER, 1984). Produto de disputa ou negociação, essas narrativas só ganham substância na identidade que os indivíduos criam uns em relação aos outros (POLLAK, 1992). A partir destas perspectivas, podemos colocar em destaque relações e fenômenos sociais que atuam no processo de construção e reconstrução das experiências e das narrativas que indivíduos e coletividades fazem acerca de seu passado.

### **Uma versão sobre o passado recente**

Aquele que visita o Sindicato dos Engenheiros no Estado do Maranhão (SENGE-MA), dificilmente não irá, em algum momento, se deparar com um quadro fixado na parede da pequena sala onde atualmente funciona a entidade. Nele vêem-se as fotos dos três últimos presidentes que precederam a atual gestão, que tem à frente a Engenheira Civil Maria Odinéa Ribeiro. Em seu conjunto, esses quatro presidentes representam o grupo de engenheiros-militantes responsáveis pelo que os próprios denominam de “refundação” do SENGE-MA, ocorrida na segunda metade da década de 1990. Não há

nesse espaço qualquer referência à criação do sindicato, ocorrida em 1983, ou a outros presidentes ou momentos do sindicato. De modo semelhante, a cada evento ou discurso público promovido pelos diretores do sindicato, essa peculiar representação do passado é reproduzida e retransmitida aos presentes.

Inicialmente eu quero dizer que o Sindicato dos Engenheiros no Estado do Maranhão é cada vez mais dos engenheiros e dos arquitetos do estado do Maranhão... e dos agrônomos [...] eu digo cada vez mais porque tudo isso se iniciou com o Antônio Augusto, com o primeiro presidente, hoje estamos só complementando... depois com o Nelson, o segundo presidente; o Sebastião Djalma foi o terceiro presidente e eu sou a quarta presidente do Sindicato dos Engenheiros no Estado do Maranhão. Então, esse sindicato é sim dos engenheiros, dos arquitetos, dos agrônomos, dos geólogos do estado do Maranhão. Não é um sindicato da presidente, não é um sindicato da diretoria, é um sindicato de todos os profissionais do estado do Maranhão.<sup>3</sup>

Na comunicação oficial da entidade, os episódios da “extinção” e da “refundação”, ambos ocorridos em meados dos anos 1990, destacam a divisão da história do sindicato em “duas fases”, com vantagem da segunda sobre a primeira.

#### **Entidade completa dez anos**

Está sendo programada a comemoração dos dez anos do Senge Maranhão, refundado no dia 25 de setembro de 1996. Segundo a presidente Maria Odinéa M. Santos Ribeiro, a história da entidade divide-se em duas fases. “A primeira teve início nos anos 80, mas, pouco tempo depois, o sindicato foi extinto numa assembléia com menos de 20 engenheiros”, relata. “Há uma década, foi instituído novamente, graças ao trabalho de um grupo de profissionais que não mediram esforços para consolidar a entidade”, completa. Nessa fase mais recente, antecederam Ribeiro na presidência Antonio Augusto Ribeiro de Araújo, Nelson Bello Cavalcanti e Sebastião Djalma. O atual programa de trabalho inclui a campanha pela valorização da categoria, a defesa do salário mínimo profissional, a realização de cursos e palestras, a defesa da ética, a participação nas discussões dos problemas maranhenses, o aumento do quadro de associados etc. “São muitos os desafios e a entidade entendeu que é preciso buscar parceiros dispostos a entrar nessa luta. Felizmente temos encontrado o apoio necessário”, assegurou a presidente.<sup>4</sup>

Outro ponto presente nessa pauta externa pode ser caracterizado por uma forte política de atuação “para fora”, onde as ações de mobilização da categoria representada confundem-se com a articulação do sindicato com outros setores da sociedade, como por exemplo, o poder público e a universidade.

<sup>3</sup> Maria Odinéa Ribeiro, presidente do SENGE-MA. Confraternização de fim de ano, 12 de dezembro de 2009.

<sup>4</sup> *Engenheiro: órgão informativo da FNE*. Seção “O que acontece nos estados”. Edição 52 – setembro de 2006. Matéria produzida a partir do *release* enviado pelo sindicato à federação.

[...] entendemos que, para que o profissional seja um agente de transformação – enquanto fiscalizador e/ou elaborador de políticas públicas –, precisa ter um perfil atuante e preocupado com os problemas do mundo, próximo aos movimentos sociais, à universidade e em constante diálogo com a sociedade. Desse modo, o Senge-MA pretende incitar a participação do engenheiro nas questões sociais, para além de assuntos salariais e mercadológicos. Como foi colocado [...], os sindicatos precisam atuar de forma ampla, não só junto aos seus associados, mas como referência para a sociedade, em defesa de um mundo mais justo, onde as pessoas tenham qualidade de vida e participação na vida pública.<sup>5</sup>

Mas que outros aspectos, ou discursos, podem ser apreendidos a partir das memórias e narrativas daqueles que partilharam de outros momentos e experiências distribuídas ao longo da trajetória do Sindicato dos Engenheiros? A seguir, trataremos, em particular, do período classificado como a “primeira fase” da entidade, mas a partir dos relatos de um personagem que atuou na direção do SENGE-MA naquele período.

### Outras narrativas

Quando tomamos como referência as narrativas construídas por militantes ligados à chamada “primeira fase” dos Sindicato dos Engenheiros, somos remetidos a outras bases e experiências sócio-políticas que compõem a trajetória da entidade<sup>6</sup>. Ganham destaque nesse outro discurso as relações entre a militância sindical dos engenheiros e outros movimentos, em especial o estudantil dos anos 1970 e o político-partidário dos anos 1980.

O Sindicato dos Engenheiros do Maranhão foi criado inicialmente como uma associação profissional da área de engenharia na década de oitenta do século passado. Várias lideranças estudantis da greve da meia passagem<sup>7</sup> já estavam no mercado de trabalho da engenharia. Destaco entre o grupo da criação os engenheiros Rubem Brito, Marcos Marques, José Augusto Telles, Ivan Telles,

<sup>5</sup> RIBEIRO, Maria Odinéa M. Santos. “Ética e participação coletiva”. In: *Engenheiro: órgão informativo da FNE*. Seção 1 – Opinião. Edição 62 – Julho de 2007.

<sup>6</sup> Para este trabalho, nos limitaremos à entrevista concedida ao autor por Raimundo Nonato Medeiros, bem como a um relato escrito sobre os primeiros anos do SENGE-MA produzido pelo próprio entrevistado (MEDEIROS, 2006). Engenheiro civil e ambiental, funcionário da Companhia de Saneamento Ambiental do Maranhão (CAEMA) desde os anos 1980, Medeiros ocupou cargos na direção do Sindicato dos Engenheiros a partir da segunda gestão (1987-1989). Assim como outros dirigentes engenheiros desse período, teve sua socialização política no movimento estudantil da capital maranhense em fins dos anos 1970 (PEREIRA, 2009). Quando estudante, Medeiros foi um dos responsáveis pela realização do documentário “Um dia de cão”, sobre a greve da meia-passageira (São Luís, setembro de 1979). Com trajetórias semelhantes à de Medeiros, outros membros desse grupo de militantes estudantis despontariam como lideranças sindicais nos anos 1980.

<sup>7</sup> O movimento pela “meia-passageira”, cujo ápice se deu com a ocupação das praças e ruas do centro de São Luís pelos estudantes em setembro de 1979, é considerado por muitos como parte significativa de um processo “socialização” política experimentado por uma geração de militantes da chamada esquerda no Maranhão (cf. BORGES, 2008; MEDEIROS, 2006).

Antônio Augusto [...] e muitos outros que para não esquecer pessoas importantes no processo e não ser enfadonho finalizo com o engenheiro da Caema João José Azevedo.

Na mesma época tinham sido criados os atuais partidos políticos, PT, PDT e Partido Comunista, o que provocava uma divisão ideológica entre os membros da associação, mas que conviviam harmonicamente decidindo no voto tudo que era polêmico.<sup>8</sup>

Entre os militantes citados como presentes no grupo original, um foi o presidente da Associação que precedeu o sindicato, Rubem Brito, e outros três, Marcos Marques, João José Azevedo e Antônio Augusto Ribeiro, se tornariam presidentes do SENGE-MA. Diferente dos demais presidentes, que atuaram nos dez anos iniciais da entidade, Antônio Augusto<sup>9</sup> só apareceria à frente do sindicato na segunda metade da década de 1990. Contudo, além da sua presença em diretorias da fase inicial, o papel desempenhado pelo mesmo de certo modo problematiza a idéia de ruptura entre esses dois períodos do sindicato.

O sindicato [...] funcionava nessa época na rua Jansen Muller, no mesmo prédio do Laborarte, onde é hoje o Laborarte... numa salinha lá em baixo, foi o primeiro local que o sindicato funcionou. Quem cedeu essa sala, é um cara que você pode conversar com ele, porque ele ainda hoje está no sindicato, chama-se Antônio Augusto. Ele era casado com uma irmã dos Telles, desses que também ajudaram a fundar o sindicato. [...] Então, o Antônio Augusto, engenheiro já antigo, já com empresa, tinha essa sala que era da empresa dele, estava sem muita atividade e ele cedeu para o Sindicato dos Engenheiros funcionar.<sup>10</sup>

A partir da segunda gestão do sindicato, a partir de 1987, período em que Raimundo Medeiros tornara-se tesoureiro da entidade, o sindicato muda-se para uma outra sede e amplia seu espaço de atuação. Destaca-se nesse período a relação dos SENGE-MA com outras entidades sindicais.

Então, eu providenciei achar um local para instalar esse sindicato. E nós fomos aqui para a Vila Iná Rego, que está pertinho aqui da gente. [...] um conjunto de casas e apartamentos ali, lá nós colocamos o sindicato. Fizemos uma parceria com um outro sindicato que tinha poucos recursos e precisava também de local: o Sindicato das Assistentes Sociais. Então, nós funcionávamos no térreo e cedemos o pavimento superior para elas, dividia despesa. Lá começa a efervescência de fato do Sindicato dos Engenheiros. Porque antes era muito na organização ainda e como auxiliar do Sindicato dos Urbanitários. O Sindicato dos Urbanitários é uma peça muito importante na história do sindicalismo aqui no Maranhão porque ele começa a trabalhar com as empresas que têm algum dinheiro, CAEMA, CEMAR, ELETRONORTE, porque pode dar algum

<sup>8</sup> MEDEIROS (2006:1)

<sup>9</sup> Engenheiro Civil, Antônio Augusto, além de participar da “primeira fase” do sindicato, foi presidente do SENGE-MA entre 1996 e 1999, inaugurando o que é considerado como sua “segunda fase”. Desde então, mantém-se na diretoria da entidade, sendo seu atual vice-diretor de finanças.

<sup>10</sup> Raimundo Medeiros. Entrevista concedida ao autor em junho de 2009.

aumento salarial. O restante... o governo do estado nunca atendeu reivindicação; prefeitura também não. Estávamos numa fase de reivindicação do salário mínimo profissional, aí quando eles se juntam... Sindicato das Assistentes Sociais, Urbanitários e Sindicato dos Engenheiros juntos, dá uma massa forte de negociação nas empresas, CAEMA, CEMAR, aí chega junto pra negociar, aí tem peso e começa a ter transformação mesmo nos contratos de trabalho, nessas relações de trabalho. Começa a fazer o primeiro plano de cargos e salários, começa a ter o acordo coletivo que não tinha.<sup>11</sup>

Como parte da ampliação da atuação do sindicato, em 1986, o SENGE-MA filia-se à Central Única dos Trabalhadores (CUT), criada em 1983<sup>12</sup>. De certo modo, não só o pertencimento ao campo de influência da CUT<sup>13</sup>, mas a própria dinâmica interna de disputa entre suas lideranças levaria a sua “extinção” na primeira metade dos anos 1990. Esse misto entre ligações externas e tensões internas crescentes levaria ao episódio interpretado como o fim da “primeira fase” do sindicato.

O grupo da direção do Senge estava dividido em os que queriam a extinção imediata do sindicato e os que queriam a extinção em 10 anos. A Central Única dos Trabalhadores determinava que os sindicatos fossem por ramo de atividade e não por categoria profissional.

No processo eleitoral não foi registrada nenhuma chapa para concorrer às eleições. Foi declarado o processo de extinção. Várias assembleias foram marcadas para deliberar sobre a extinção. O FISENGE acompanhou uma das assembleias que ocorreu no auditório da Rede Ferroviária Federal, enviou um diretor e geólogo da Bahia. Outra assembleia foi acompanhada pela CUT através do presidente do Sindicato dos Servidores Públicos Federais, Washington Luís. Não havia quem se dispusesse a administrar a massa falida da categoria profissional dos engenheiros.

Todos os bens e deveres futuros foram doados ao sindicato que tivesse o maior número de engenheiro em seus quadros. Coube ao Sindicato dos Servidores Públicos do Estado do Maranhão.<sup>14</sup>

Este fato também serviria de base para que, em setembro de 1996, uma composição entre novos e antigos militantes reconstituíssem o sindicato. Apesar da presença de

<sup>11</sup> Raimundo Medeiros. Entrevista concedida ao autor em junho de 2009.

<sup>12</sup> Desde então militantes de sindicatos de engenheiros de diferentes estados, o Maranhão entre os quais, passaram a se aglutinar em torno da proposta cutista. O grupo autodenominado Engecut manteve-se ativo entre fins dos anos 1980 e início dos anos 1990, quando romperia com a estrutura oficial representada pela Federação Nacional dos Engenheiros (FNE) (1990), fundando a Coordenação Nacional dos Sindicatos dos Engenheiros (Consenge) (1991) e, por fim, uma federação paralela vinculada à CUT, a Federação Interestadual de Sindicato de Engenheiros (Fisenge) (1993). (Jornal do Engenheiro – SENGE-RJ, junho de 2006).

<sup>13</sup> Como parte de suas orientações político-programáticas, a CUT vinha adotando uma posição clara quanto à organização dos sindicatos: a organização por ramo ou setor de atividade em detrimento dos sindicatos profissionais. Esta diretiva foi defendida em sua “Plenária Nacional” em dezembro de 1985 e ratificada pelas resoluções do 2º. Congresso Nacional da CUT, realizado em 1986.

<sup>14</sup> MEDEIROS (2006:5)

diretores que compunham as diretorias anteriores, uma nova história passa a ser construída e, sobretudo, reconstruída para a entidade.<sup>15</sup>

---

<sup>15</sup> O sindicato também migrou da área de influência da CUT, retornando para o campo da FNE. As boas relações com essa federação vêm fazendo com que membros da diretoria do SENGE-MA venham conquistando, nos últimos anos, importantes cargos naquela entidade.

## Considerações finais

Como fase inicial de um programa de pesquisa mais amplo, este trabalho lançou mão de um conjunto de memórias e narrativas acerca da história do Sindicato dos Engenheiros no Estado do Maranhão. Em associação a outras fontes, reivindicamos o depoimento oral como indicador de caminhos que possam ser trilhados pelo pesquisador no trabalho de investigação historiográfica e sociológica.

Ao analisarmos o modo como certos discursos são construídos, buscamos ter em vista questões de fundo, bem como disputas político-sindicais e experiências individuais e coletivas distintas, aqui representadas por dois conjuntos de narrativas.

Entendemos que a versão difundida pela atual diretoria do sindicato, mais do que um mero discurso “oficial”, representa contexto e experiência específicos que pautam na atualidade até mesmo as construções que antigos militantes fazem acerca da história do sindicato. Isto é bastante claro em relação às “duas fases” em que comumente se divide a história do sindicato. Se por um lado, trata-se de afirmar a ruptura do grupo atual com os seus antecessores; por outro, constitui também uma forma de construir e reafirmar uma imagem de pioneirismo dos engenheiros-militantes da fase inicial. Para ambos os grupos esta distinção também se estende aos diferentes momentos da luta político-sindical em que se insere a categoria, seu sindicato e seus militantes.

Mais do que revelar “vozes” supostamente silenciadas por um discurso oficial, buscamos nessas narrativas, ora concorrentes, ora convergentes, toda uma gama de processos, fenômenos e dinâmicas – políticos e sociais – que esteve presente na história recente do sindicato estudado, bem como no ambiente social mais abrangente do qual a entidade e seus militantes fazem parte.

## Referências Bibliográficas

**BORGES**, Arleth Santos.

2008. *PT Maranhão 1980-1992: origens, organização e governos municipais*. São Luís: UFMA.

**GOMES**, Angela Maria de Castro.

2005. *A invenção do trabalhismo*. 3ª. Edição. Rio de Janeiro: Editora FGV.

**HOBSBAWM**, E. e **RANGER**, T. (org.).

1984. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro. Paz e Terra.

**MEDEIROS**, Raimundo Nonato.

2006. “Senge MA - primeira fase”. In: *Sindicato dos engenheiros do maranhão faz história no sindicalismo maranhense*. São Luís: mimeo.

**PEREIRA**, Sérgio Martins.

2003. *Trajetórias individuais e ação sindical no pólo automotivo do Sul Fluminense*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

2007. *Sindicalismo e privatização: o caso da Companhia Siderúrgica Nacional*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia – IFCS/UFRJ.

2009. A procura de uma categoria: trajetória recente do Sindicato dos Engenheiros do estado do Maranhão. In: XIV Congresso Brasileiro de Sociologia, Rio de Janeiro.

**POLLAK**, Michael

1989. “Memória, esquecimento, silêncio”. In: *Estudos históricos*, N.3, Rio de Janeiro, CPDOC. p. 3-13.

1992. “Memória e identidade social”. In: *Estudos históricos*, N. 10. Rio de Janeiro, CPDOC. p. 200-215.

**SANTANA**, Marco Aurélio

1999. “Política e História em disputa: o ‘Novo Sindicalismo’ e a idéia da ruptura com o passado”. In: JÁCOME RODRIGUES (org.). *O Novo Sindicalismo: vinte anos depois*. Petrópolis: Vozes p. 133-161.

2001. *Homens Partidos: comunistas e sindicatos no Brasil*. São Paulo: Boitempo.

**THOMPSON**, Paul.

1998. *A voz do passado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

## Entrevista

**Raimundo Nonato Medeiros**. Entrevista concedida a Sérgio Martins Pereira em junho de 2009.

### Outras referências

Central Única dos Trabalhadores. *Resoluções do 2º Congresso Nacional da CUT* – Rio de Janeiro (RJ), 31 de julho e 1,2 e 3 de agosto de 1986.

*Consolidação das Leis do Trabalho*. Decreto-lei n.º 5.452, de 1º de maio de 1943.

*Engenheiro: órgão informativo da FNE*. (2005-2009)

*Jornal do Engenheiro* – SENGE-RJ, junho de 2006.

RIBEIRO, Maria Odinéa M. Santos. “Ética e participação coletiva”. In: *Engenheiro: órgão informativo da FNE*. Seção 1 – Opinião. Edição 62 – Julho de 2007.

"Um dia de cão". Documentário sobre a greve da meia passagem (São Luís, setembro de 1979). 30 min s/d.

### Fontes na internet

Central Única dos Trabalhadores

[www.cut.org.br](http://www.cut.org.br)

Federação Interestadual de Sindicato de Engenheiros

[www.fisenge.org.br](http://www.fisenge.org.br)

Federação Nacional dos Engenheiros

[www.fne.org.br](http://www.fne.org.br)